

Coleção NÚMEROS POLÊMICOS

2 – A língua e o sexo – Quarto III – Íntimos detalhes (versão 2007)

Navegar é preciso, incluir em gênero também
(Adaptação PCIG da frase do general romano Pompeu)ⁱ

Desbravando novas possibilidades para o idioma de Camões, Fernando Pessoa, Machado e de outr@s ilustres navegantes das letras, saímos do primeiro nível de *A língua e o sexo* para explorar a nova terra que se apresenta no horizonte, à nossa vista. O momento é de uma ligeira ansiedade, aquela mesma que surge sempre quando deparamos com o excitante desconhecid@. Mas o friozinho na barriga não se justifica. Estamos à altura do novo desafio. Estamos mais do que preparad@s para o que der e vier.

Neste *Nível M*, o segundo e o último do PCIG – pelo menos, por enquanto – vamos descobrir todos os segredos por detrás da “indecente” proposta de inclusão sexual*. E antes de começarmos, porém, é bom frisar que a estrutura deste nível é a mesma do primeiro. Também há dois Quartos para serem visitados, pernoitados, aproveitados, e com uma bela diferença agora: o amplo espaço que se reserva para deleite de uma boa controvérsia.

Este Quarto aqui é o III e reúne as intimidades de cada um dos três símbolos-abreviadores. Saberemos praticamente tudo o que os três famosos têm a revelar em um sedutor jogo de perguntas e respostas, composto deliberadamente por 3 fases mais uma eXtra.

Você está confortavelmente sentado/a ou deitado@? Porque o safado passatempo de P&R se inicia na próxima XXX coluna:

* Sexual? Ops... isto é, de gênero.

FASE A → DESNUDANDO O ARROBA (POR COMPLETO)

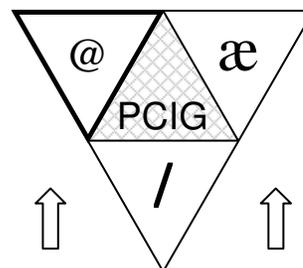


Figura 2III-1 – Fase A

Pergunta: Antes de mais nada, o símbolo ‘@’ foi criado para troca de mensagens via correio eletrônico (e-mail)?
Resposta: Não. O arroba é muito, muito mais antigo que o serviço de *eletronic mail*, inventado por Ray Tomlinson em 1971. A função do arroba no endereço de e-mail é separar o nome do usuário e o nome do computador aonde sua caixa-postal se encontra, de acordo com o esquema *usuario@computador*. Apesar de simples, a função do arroba no endereço de e-mail é de grande visibilidade já que mais de 1.000.000.000 (um bilhão) de pessoasⁱⁱ no planeta têm contas de e-mail. O símbolo de arroba – antes restrito a determinadas atividades comerciais – tornou-se conhecido pela população em geral.

P: Em quais atividades comerciais o símbolo ‘@’ era utilizado, antes de sua estrondosa disseminação graças aos serviços de e-mail?

R: Isso varia conforme a região do globo. Na França e nos países anglo-saxões como a Inglaterra e os Estados Unidos, usava-se o arroba como a abreviação da expressão “ao preço unitário de” (*at the price of*), principalmente em registros contábeis. Uma indicação, por exemplo, de 5 apples @ £0,20 significava que cinco maçãs foram vendidas ao preço total de $5 * 0,20 = 1$ libra^{†iii}.

P: E no Brasil, como era utilizado o arroba antes da Internet?

† É de “*at the price of*” que vem o nome pelo qual o arroba é conhecido em muitos países. Como de costume, você encontra essa e outras informações curiosas sobre ‘@’ – mas que não estão diretamente relacionadas com a inclusão de gênero – na *Curiosidade 2D* ao final deste Quarto.

R: Nosso país seguiu a tradição ibérica de usar o símbolo para representar a unidade de peso^{*iv} de mesmo nome. Ainda hoje, a arroba (medida) é utilizada em terras brasileiras com o valor aproximado de 14,7 quilos. Algumas partes da Espanha e da América Latina adotam valores diferentes para a arroba, normalmente um pouco menores^v. Vale a pena mencionar também que a medida arroba e seu símbolo homônimo são usados pelo menos desde o século XVI. Abaixo, um registro mais tardio, de 1775^{vi}:

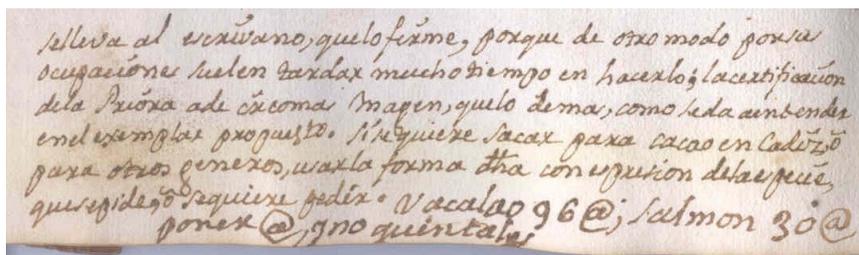


Foto 2III-2 – Registro espanhol do século XVIII

P: Se a utilização do ‘@’ como instrumento de medida no mundo ibérico é muito antiga, a utilização deste como instrumento de inclusão de gênero nos países de língua portuguesa e espanhola é bem recente?

R: É difícil ter certeza, mas muito provavelmente sim, e ela deve ter acontecido de modo natural, devido ao seu formato peculiar, que o símbolo parece mesmo unir a vogal ‘a’ com a vogal ‘o’.

* Na verdade, a massa das mercadorias. Peso e massa são dois conceitos diferentes. Enquanto a massa é uma propriedade intrínseca da matéria, o peso varia diretamente conforme a força da gravidade. Em outras palavras, quanto maior gravidade, maior o peso (considerando a mesma massa). Como a gravidade muda muito pouco de um lugar para outro da superfície da Terra – algumas partes em mil – peso e massa são usados intercambiavelmente no dia-a-dia, assim como há séculos.

Uma vez que um número grande de pessoas nestas línguas^{†vii} começaram a escrever umas para as outras primeiramente através de mensagens e-mails, depois em salas de bate-papo (chats) e mais recentemente através de Instant Messengers como o ICQ, MSN, Skype, etc, foi só uma questão de tempo para que alguém observasse o potencial do ‘@’ para escrever de maneira inclusiva e compacta, economizando tanto espaço quanto tempo.

Ah, se Einstein pudesse ter acompanhado essa brilhante idéia! Desde a anônima descoberta, o uso do arroba como abreviador se disseminou rapidamente entre as comunidades menos conservadoras da Internet.

P: Abreviações inclusivas com o arroba já são comuns?

R: Pelo menos nos países de língua espanhola é possível afirmar que sim por causa da citação sobre este uso do arroba no *Diccionario Panhispánico de Dudas* (Dicionário Pan-hispânico de Dúvidas), um trabalho conjunto das vinte e duas Academias de Letras hispanófonas, publicado pela primeira vez em 2005^{‡viii}. Compreensivelmente, a utilização do ‘@’ como abreviador de expressões inclusivas em gênero não é aconselhada pelas Academias. Como guardiãs do idioma espanhol, uma das competências destas organizações é o de aceitar neologismos somente quando eles estiverem “maduros” – i.é, quando eles já tiverem sido usados por um tempo suficientemente extenso a ponto de serem considerados parte integrante da língua. Esse é um processo que pode levar anos, ou mesmo décadas, já que as abreviações inclusivas são mais do que simples neologismos. São aperfeiçoamentos estruturais.

† Mas não só nestas. Além do espanhol e do português, o uso do arroba como um instrumento de inclusão já foi notado no galego – idioma pronunciado por aproximadamente três milhões de pessoas. ¿Quem sabe, o ‘@’ não tenha aparecido também em línguas minoritárias, a exemplo da ladina, da mirandesa e da aragonesa e de outras que compartilham uma terminação ‘-o’ para o masculino e a ‘-a’ para o feminino?

‡ Até novembro de 2007 não havia uma segunda edição do dicionário.

P: E quanto às Academias lusófonas – especialmente a Brasileira de Letras (ABL) e a das Ciências de Lisboa^{*ix} – elas se pronunciaram a respeito do arroba como instrumento de inclusão?

R: Várias buscas em novembro de 2007 no Google, na Wikipédia no próprio website da ABL não encontraram qualquer comentário sobre o arroba como ferramenta de inclusão, nem que fosse para desencorajar tal uso.

OBS: Devido a problemas técnicos no site (web sítio) da Academia das Ciências de Lisboa não foi possível consultá-lo[†].

P: Isso significa que essas organizações estão menos preocupadas com a inclusão de gênero do que as similares hispanofônicas?

R: Talvez. Mas este também é um indício de que @s internautas, e por extensão, as sociedades que falam português não estão lá muito conscientes dos males provocados por uma língua androcática. Mal sinal. Isto quer dizer que apenas uns poucos indivíduos na Comunidade formada por Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor Leste, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe já perceberam, por exemplo, que noventa e nove mil novecentos e noventa e nove (99.999) médicas e apenas um (1) único médico não precisam ser referid@s como cem mil médicos.

Motivos para questionarmos a androcracia e para utilizarmos instrumentos linguísticos de inclusão de gênero é o que não

* Apesar do nome Academia de Ciências de Lisboa não conter a palavra ‘letra’ ou seu plural, ela é a mais representativa da língua portuguesa em Portugal.

† Depois de clicar no link „entrar“ de www.acad-ciencias.pt, a navegação era direcionada para <http://academiadascienciasdelisboa.freehostia.com/joomla/>, página que não foi encontrada pelos browsers (navegadores) Firefox e Internet Explorer. Tentativas realizadas em 07, 08 e 09/nov/2007.

faltam, conforme nós já observamos, respectivamente, no primeiro e no segundo Quartos.

P: Essa resposta levanta uma série de perguntas, sendo a primeira delas, a seguinte: escrever “referidos(as)” já não é uma forma de inclusão em gênero?

R: Sem dúvida. Mas convenhamos que a expressão “referid@s” é muito mais prática. São quatro caracteres a menos que precisam ser escritos ou digitados toda vez que esse tipo de abreviação for usada no plural. No singular, são três caracteres[‡] de economia. (É referid@ contra referido(a)).

Além disso, repare no problema ocasionado pelo excesso de abre e de fecha-parênteses num texto. Vamos falar mais sobre esses dois “hiperutilizados” símbolos daqui a algumas páginas ao discutirmos as vantagens da barra ‘/’ sobre os dois.

P: Tudo bem, vamos deixar os parênteses de lado por enquanto. Voltando à questão do arroba, escrevê-lo à mão não dá muito trabalho?

R: Pelo contrário. Escrever o arroba à mão é muito simples, tanto que ele é usado há séculos por diferentes nações. Faça o teste. Pegue um pedaço de papel e uma caneta ou lápis e escreva ‘@’. O que é rápido se torna ainda mais rápido com a prática.

P: E quanto a digitá-lo?

R: Digitar ‘@’ também é uma atividade que demanda tão pouco tempo quanto digitar qualquer outro símbolo presente em teclado comum.

[‡] **Caractere** é um termo do jargão de informática e telecomunicações. Em lingüística, usa-se o termo **grafema**, que é mais adequado neste caso, porém menos conhecido. Acontece que nem todo caractere é visível. O caractere de nova linha (new line), o retorno de carro (carriage return), o de tabulação (tab), o de correção (backspace) e outros de controle não têm correspondência com grafemas.

brasileir@s

Figura 2III-3a – o arroba MAIÚSCULO é muito maior do que as letras minúsculas. (todas em Times New Roman tam. 36)

R: Não necessariamente. Editores de texto como o Microsoft Word e o BrOffice.org Writer possuem um recurso chamado **macro** que permite digitar o arroba minúsculo de maneira muito, muito veloz. Macros também são recursos para serem usados com editores de e-mail, de HTML*, blogs^x, etc, conforme você pode observar no website desta coleção.

P: Ainda sobre o arroba minúsculo, ele é mesmo uma novidade que veio junto com o PCIG?

R: Ao que tudo indica sim. Buscas no Google realizadas em novembro de 2007 retornaram um número reduzidíssimo de entradas, e nenhuma delas significativa[†]. Porém, se a diferenciação do arroba em maiúsculo '@' e minúsculo '@' é uma idéia recente, isto não significa que ela ficará necessariamente restrita a um grupo pequeno. Algumas utilidades se espalham rapidamente por e-mail, Instant Messengers[‡] e pela World Wide Web. (Especialmente se @s internautas as aprovarem :o)

* **HTML** é a principal linguagem para se escrever uma página da (world wide) web. Já, **blog** é uma Página da Web cujas atualizações – chamadas *posts* – são organizadas cronologicamente de forma inversa, como um diário. O termo é uma corruptela de „weblog“. Por sua vez, *log* é uma palavra usada na informática como sinônimo de registro.

[†] Expressões pesquisadas: “arroba maiúsculo”, “arroba minúsculo”, “arroba mayúscula”, “arroba mayúsculo”, “arroba minúscula”, “arroba maiúscula”.

[‡] **Instant Messenger** é um programa que permite enviar e receber mensagens em tempo real (instantaneamente). Exemplos: Live (MSN) Messenger, Skype, ICQ, Google Talk, AOL IM, etc. Em www.numpol.com há mais informações de como utilizar o “arrobina” com esse de tipo de software e com outros tipos também.

P: Será? Agora chegamos no calcanhar de Aquiles do arroba, que é a sua versão minúscula. Para digitá-lo não é necessário gastar tempo diminuindo o tamanho da letra?

P: Quer dizer que o arroba está restrito à Internet?

R: De forma alguma. Este é apenas o meio onde o uso inclusivo do símbolo se desenvolveu, mas nada impede que o arroba – principalmente o minúsculo – seja empregado em vários contextos em papel. Desde os mais informais, como uma carta à pessoa amada, até os jornais impressos.

P: Foi mencionado no Quarto anterior que o arroba maiúsculo '@' têm proporções exageradas quando ele está no meio de letras minúsculas. Mencionou-se também que há um segundo motivo para se usar o '@' como uma letra minúscula. Qual é este segundo motivo?

R: Além do “arrobão” destoar em *brasileir@s*, ele passa a impressão de que o grupo dos e das nascidas no Brasil seria muito mais feminino do que masculino, o que sabemos, está longe de ser verdade. A vantagem numérica delas em relação a eles é pequena. Havia 29 brasileiras para cada 28 brasileiros segundo a estimativa do IBGE para julho de 2007^{§xi}. Contudo, essa sensação de quase equilíbrio não é passada quando o arroba maiúsculo está entre minúsculas. Isso porque o ‘a’ interno do '@’, por si só, já tem o tamanho de uma letra minúscula. Para piorar, o ‘O’ externo – fora de proporção e “vazado” – enfatiza o ‘a’ servindo lhe como uma espécie de moldura.

[§] Em 01/jul/2007, havia 96.320.283 mulheres no Brasil e 93.014.835 homens. OBS: Não só a população do Brasil, mas também de quase todos os estados é apenas um pouco mais feminina do que masculina. Mais um motivo para evitarmos a concordância pela maioria. Uma guerra idiota entre os sexos é que menos precisamos. De guerra civil, já chega a violência urbana – uma das maiores responsáveis pelo excedente feminino.

brasileir@s

Figura 2III-3b – letras em Times New Roman tamanho 36 e arroba minúsculo em TNR 24 (dois terços do tamanho original)

Apesar de todo o sofrimento que a cultura androcática causou a muitas mulheres (e alguns homens) durante milênios, uma revanche ginecocrática seria um erro temeroso.

P: A solução, então, é diminuir o tamanho do arroba?

R: Exatamente. Observe em `brasileir@s`, tanto o ‘a’ interno e o ‘o’ externo do “arrobina”. Com ‘@’ entre minúsculas não há predileção de gênero. Habitantes de ambos os sexos não precisam discutir – bestamente, diga-se de passagem – para saber quem são @s mais importantes*!

P: Isso tem a ver com a diferença entre majocracia e democracia, discutida no segundo Quarto?

R: Sem sombra de dúvida. Mesmo se os brasileiros ou qualquer outro agrupamento de homens estivesse em absoluta minoria, eles continuariam merecendo um tratamento digno. Igual raciocínio vale para o caso de minorias femininas. E também para qualquer minoria de seres humanos que não se encaixam perfeitamente na dicotomia *homem* ↔ *mulher*.

P: Para que não existam privilégios de um gênero sobre o outro, qual deve ser o tamanho do arroba minúsculo?

R: Nenhuma convenção foi estabelecida ainda – até porque um dos objetivos do PCIG é o de promover o debate sobre a inclusão de gênero[†] – mas provavelmente o “arrobina” deve usar a mesma fonte utilizada pelas letras minúsculas ao redor. A diferença está no tamanho da fonte. O pequeno arroba deve ser 25% a 40% menor do que o grande arroba & cia[‡]. Maiores detalhes são

* Serão elas VIP’s? Para saber a verdade, não deixe de ler o último Quarto. Mas sem pressa. Termine este terceiro Quarto antes.

[†] Do qual os leitoras estão convidadas desde já a participar no website www.numpol.com.

[‡] Se considerado “desconto por fora”. Em outras palavras, aconselha-se que o “arrobina” tenha o de 60% a 75% o tamanho seu irmão maior e das outras

encontrados na *Curiosidade 2E*. Agora que o arroba está quase nu, vamos para a fase L.

P: Uma última pergunta: e se eu utilizar um programa de computador que não permita mudanças no tamanho da fonte em parte do texto?

R: Aí não há muito que fazer a curto prazo. Utilize o “arrobão” mesmo e envie um e-mail a@[§] fabricante do software, sugerindo o importante recurso de se mudar a fonte e o tamanho dela em qualquer parte do texto.

letras. Também existem “descontos por dentro” e eles provavelmente serão comentados em um futuro ensaio.

[§] É o fabricante ou a (empresa) fabricante? Na dúvida entre qual dos gêneros usar, ou na certeza de que o uso de qualquer um dos gêneros está correto, fique com ‘a@’, que é a união entre ‘à’ (preposição ‘a’ + artigo ‘a’) e ‘ao’ (preposição ‘a’ + artigo ‘o’).

FASE L → LIGADURA VELHA É QUE FAZ COMIDA BOA^{xii}

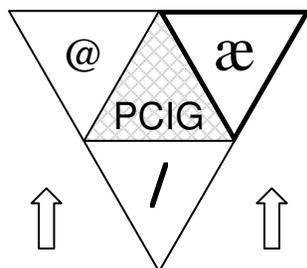


Figura 2III-4 – Fase L

Pergunta: Já conhecemos o histórico da ligadura ‘æ’. Sabemos que ela foi parte do latim medieval. Sabemos também que ela ainda se faz presente em alguns idiomas nórdicos, no francês* e no alfabeto fonético internacional (AFI). Mesmo assim, mesmos com todos esses usos, ela não é exótica demais para constar da língua

portuguesa?

Resposta: Na verdade, não. E há algumas razões para tanto. Em primeiro lugar, as vogais ‘a’ e ‘e’ são muito comuns em nosso idioma. Além disso, não são poucas as palavras que terminam em ‘-as’ quando estão no feminino plural, e em ‘-es’, quando no masculino plural. Vide os exemplos dos Quartos anteriores.

P: Você pode citar novamente esses exemplos?

R: Com o maior prazer. Eles estão dispostos a seguir na ordem em que surgiram ao longo deste ensaio: professoræs, elæs, escritoræs, provedoræs, trabalhadoræs, senhoræs, portuguesæs e aquelæs.

P: A maioria destas abreviações designam profissões e nacionalidades. Isto quer dizer que a ligadura é muito interessante para nós nos referirmos tanto ao que determinadas pessoas fazem quanto de onde elas vêm?

R: Quando ‘æ’ é utilizada para se referir no plural, sim. Uma abreviação de nacionalidade como *chinesæs* – mas que também poderia ser de profissão – representa um grupo de pessoas de tamanho arbitrário e que independe do sexo e do gênero de cada

* Nesta última língua, a ligadura aparece em expressões de origem latina como “et cætera”.

um dos indivíduos[†]. Em comum, todas as pessoas compartilham a mesma característica.

P: Até parece proposital a escolha da abreviação “chinesæs”. Não há consideravelmente mais homens do que mulheres na China?

R: De fato, principalmente entre as faixas etárias mais jovens. Este é um reflexo da política do filho únic@ implantada em 1979 e mantida desde então. Porém, não importa. Independente de qual seja o gênero minoritário, ele sempre é lembrado por questão de respeito, de democracia.

P: Mas no caso chinês, o governo não é autoritário e a sociedade andrococrática?

R: Foi justamente essa combinação que provocou um desastre demográfico sem comparação com qualquer outra parte do planeta. Aplicando pesadas multas aos casais que tenham duas crianças, além de sanções e perseguições políticas, o governo chinês cometeu um grave erro de menosprezar os aspectos culturais que fazem com que um filho (homem) seja muito mais valorizado do uma filha, a ponto de interromper uma gestação quando esses casais descobrem que o futuro bebê seria uma menina. O número sem precedentes de abortos seletivos é um fenômeno que vai fazer 30 anos dentro em breve, com conseqüências mais do que assombrosas. Há um excedente de trinta e nove milhões de homens por lá, mais do que a população dos estados de Minas e de Rio juntos^{xiii}. Por este motivo, sequestros por encomenda de mulheres jovens são mais do que comuns^{xiv}.

[†] Lembremos que sexo e gênero (papéis sociais) nem sempre coincidem, seja porque homens e mulheres podem assumir profissões e atividades antes consideradas como “exclusivamente femininas” e “exclusivamente masculinas”, seja pelos direitos dos transgêner@s, transexuais e intersexuais. Por isso, nós utilizaremos preferencialmente o termo ‘gênero’, em vez de ‘sexo’.

P: Mas falar de respeito ao próxim@ e de democracia que o PCIG promove parece um contra-senso no caso chinês. Faz algum sentido utilizar a abreviação inclusiva “chinesæs”?

R: Ao contrário, faz todo o sentido. Os valores democráticos e humanitários estão nas pessoas que se comunicam através de línguas inclusivas como o PCIG, ainda que esses valores não sejam universalmente praticados^{*xv}. Todas as considerações que valem para as abreviações com o arroba valem também para as abreviações com a ligadura.

P: Até aquela história de evitar uma guerra besta entre os sexos?

R: Sim, não temos que nos preocupar se devemos escrever “chineses e chinesas” ou o contrário.

P: Saindo definitivamente da China e voltando para o Brasil. A ligadura apresenta um sério problema com referência à sua digitação? Onde ela está em nossos teclados que eu não vejo nenhuma tecla ‘æ’?

R: O “sério problema” é facilmente resolvível no Microsoft Word e em outros editores de texto que possuem uma combinação de teclas especialmente para facilitar a digitação da ligadura ‘æ’. No Word, aperte simplesmente as `Ctrl`, `Shift` e `6` tudo junto, e em seguida, a tecla `A`.

P: Simplesmente?! A combinação do Word envolve muitas teclas, quatro ao todo. Não dá para digitar esse símbolo-abreviador de um jeito mais simples, com apenas duas teclas?

R: Não é assim tão difícil – nem demorado – apertar `Ctrl` + `Shift` + `6` ao mesmo tempo e depois a tecla `A`. Experimente.

* Além do infanticídio feminino chinês, uma outra barbárie às mulheres digna de nota é a ablação (mutilação) do clitóris em milhões e milhões de meninas, principalmente na África muçulmana, para que o desejo sexual feminino seja reprimido, “garantindo futuras esposas dóceis e fiéis”.

Mas respondendo à pergunta, é possível sim configurar o teclado neste programa de forma que, por exemplo, somente duas teclas precisem ser digitadas, em vez de quatro.

P: Como?

R: Essa e outras perguntas mais especializadas sobre a digitação da ligadura estão respondidas na *Curiosidade 2F*.

P: E quanto à versão maiúscula ‘Æ’ da ligadura? Ela também pode ser inserida em um texto através de uma combinação de teclas?

R: Sim, e ela também é configurável[†].

P: Inclusive no editor de texto BrOffice.org Writer^{xvi}?

R: Também.

P: Já que estamos falando da ligadura maiúscula, não a vi em nenhuma outra parte deste ensaio. A ocorrência dela no PCIG é relativamente rara, não é?

R: Sim. Ao contrário da ligadura minúscula, que usada muito frequentemente no PCIG, ‘Æ’ é usada somente em situações atípicas[‡].

P: Discorremos sobre a ligadura nos meios eletrônicos, mas não podemos nos esquecer do velho e bom método do lápis e papel/caneta. Escrever ‘æ’ à mão é fácil?

R: Muito fácil. Com algumas tentativas, nós “esprememos” o ‘a’ junto com o ‘e’ com a mesma facilidade que desenhamos qualquer letra.

[†] A combinação original do Word é `Ctrl` + `Shift` + `6`, seguida de `Shift` + `A` (quase igual a da ligadura minúscula).

[‡] **P: E quais são essas situações atípicas?**

R: Conheça-as na *Curiosidade 2G*.

P: Apesar de tudo o que já foi comentado, minha sensação de estranheza com a ‘æ’ ainda não passou. Por que isso não aconteceu com o arroba?

R: Porque você já se acostumou a vê-lo no recebimento de e-mails e a escrevê-lo no envio destes. Repare, porém, que o uso do arroba agora como instrumento de inclusão é muito mais recente. Sua separação em maiúsculo (arroba) e minúsculo (arrobina) também, pois ambos são provavelmente novidades vindas com PCIG.

P: Isso significa que é só uma questão de tempo me acostumar com estes símbolos?

R: Mais de treino do que de tempo. E este processo de aprendizado é tão mais rápido quanto mais nós os escrevermos abreviações com ‘@’, com ‘æ’ e com ‘/’ – a barra, que será comentada na próxima fase. Somente lendo os ensaios de *Números Polêmicos*, nós inevitavelmente nos habituaremos com o PCIG por causa de sua proximidade com o português tradicional (androcrático). Mas se também escrevermos abreviações inclusivas, nossa curva de aprendizado se acentuará de uma maneira notável. Faça o teste.

P: Escrever é um contato mais ativo com uma língua – e com eventuais extensões inclusivas da mesma – do que somente ler?

R: Colocar palavras no papel ou no computador desenvolve mais o raciocínio do que a simples leitura. Além disso, a utilização de uma forma de comunicação tão justa quanto humanitária pode transformar o ato de escrever em um prazer antes insuspeitado.

P: Questionar também é uma atividade interessante porque desenvolve mais o raciocínio do que uma atividade passiva?

R: De fato, o ato de questionar aprimora a inteligência. Se você tiver alguma dúvida, sugestão ou crítica não exite em externá-la agora, ou depois, através de www.numpol.com/contato.

P: Pode ser agora? Você não mencionou o uso da ligadura no singular. Todavia, importantíssimas abreviações inclusivas como *elæ*, *estæ*, *essæ*, *aquelæ* e suas derivações – como “*delæ*”, “*nestæ*”, “*àquelæ*” – não foram mencionadas. Foi esquecimento?

R: Não propriamente. As abreviações dos pronomes pessoais de 3ª pessoa e dos demonstrativos – que podem ser usadas tanto no plural quanto no singular – são recursos preciosos, contudo seria muita informação citá-las logo no prelúdio desta fase, em seu começo. E você observou muito bem. Nada impede que nós juntemos essas abreviações pronominais com as preposições “de”, “em” e “a”, formando contrações de modo idêntico ao português androcrático (tradicional). *Delæ*, *nestæ* e *àquelæ* são alguns exemplos.

P: Com a eleição de Michelle Bachelet no Chile em 2006 e de Cristina Kirchner na Argentina no ano seguinte, o termo presidenta voltou a ser muito utilizado. Isso faz com que a designação genérica para quem ocupa o cargo seria presidentæ?

R: Apenas se variarmos “presidente” em gênero. Alguns substantivos terminados em ‘-e’ no masculino podem receber ‘-a’ no feminino, mas o uso não é obrigatório. Esse o caso de *presidente/a*, *parente/a*, *governante/a* e *mestre/a*. Quem varia essas palavras em gênero, pode também utilizar *presidentæ*, *parentæ*, *governantæ* e *mestræ*, para designar a função, independente da pessoa que a ocupa. Caso contrário, a terminação ‘-e’ serve tanto para o masculino quanto para o feminino quanto para o inclusivo.

P: Gênero inclusivo? Que invenção é essa?

R: A consequência natural do PCIG será comentada adiante. Não se preocupe, o suspense é temporário.

P: Se você prefere adiar a resposta dela para um momento mais adequado, tudo bem. Mas pelo menos responda uma outra pergunta que não quer se calar: ligadura velha faz realmente comida boa?

R: Mais importante do que a idade de uma ferramenta de inclusão, é a facilidade e a abrangência com que ela pode ser utilizada. Neste sentido, o número de velas no bolo de ‘æ’ não diminui sua beleza. Pelo contrário. Ela continua muito atraente, um verdadeiro símbolo sexual.

FASE B → A BARRA DANDO DURO

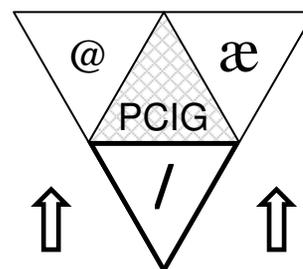


Figura 2III-5 – Fase B

a ligadura não podem ser usadas.

Pergunta/s: Começamos com o que está mais à vista. Por que o título menciona que a barra “dá duro”? Dito em uma linguagem coloquial, ela é “pau para toda a obra”?

Resposta: Se há um título que o símbolo ‘/’ merece é o de polivalente. No PCIG, a barra se adequa bem a todos os contextos nos quais o arroba e a ligadura não podem ser usadas.

P: Ainda em uma linguagem coloquial, podemos dizer que a barra é um símbolo “topa-tudo”? Ela merece ser chamada de guerreira*?

R: Estereótipos e duplos sentidos à parte, existem inúmeros casos devidamente solucionados através da barra. *Professor/a* como a abreviação de “professor ou professora” é um ótimo exemplo.

P: Engraçado. Você cita “inúmeros casos”, mas todos ou quase todos os exemplos citados são de palavras terminadas em ‘-or/a’, como *senhor/a* no Quarto anterior. Mas será que a barra só pode ser utilizada com essa terminação?

R: Essa terminação – ou desinência – é inegavelmente muito comum em substantivos e adjetivos. Porém, nem de longe ela é a única. Contam-se às dezenas as diferentes combinações que as terminações que versão masculina e a feminina podem assumir. Você encontra a seguir uma tabela com algumas delas, mas tenha em mente que a lista é longa, muito longa:

* Gíria dos anos 2000: **guerreira** é garota que não se importa em “ficar” com garotos feios, às vezes, com muitos deles.

Terminação	Exemplos
'-ês/a'	Português/a, francês/a, camponês/a, chinês/a, japonês/a
'-ã/o'	Cidadã/o, irmã/o, anã/o, cirurgiã/o, campeã/o, alemã/o
'-ão/ona'	Folião/ona, solteirão/ona, pobretão/ona, chorão/ona
'-ão/oa'	Patrão/oa, ermitão/oa, leitão/oa, alemão/oa, dragão/oa
'-eu/éia'	Europeu/éia, hebreu/éia, pigmeu/éia, plebeu/éia
'-dor/triz'	Imperador/triz, embaixador/triz, gerador/triz
'-tor/triz'	Ator/triz, motor/triz, diretor/triz, bissector/triz

Tabela 2III-6 – Algumas duplas de desinências que não de ‘-or/a’

P: Mas a tabela só contém sete casos. Juntando com o ‘-or/a’ são oito. Ainda assim, não chegam a dezenas. Você pode citar mais exemplos?

R: Com todo prazer. Como disse, a lista se estende quase que indefinidamente. Até porque há muitos exemplos próximos uns dos outros, mas não exatamente iguais:



Figura 2III-7 – Integrantes de um arquipélago a perder de vista

* As duas últimas abreviações também podem ser escritas com ‘-or/a’: embaixador/a, gerador/a.

P: Pelo que pude ver em todos os casos citados, é a versão mais curta da palavra em questão que vai sempre na frente, seja ela feminina ou masculina. A suposição está correta?

R: Corretíssima. Para montar uma abreviação com a barra, verificamos qual das versões tem menos letras. Se for a masculina, ela vem na frente. Isso é o que acontece em *professor/a*. A versão masculina da palavra – i.é., “professor” – tem 9 letras. Já “professora” é composta por 10.

P: Consequentemente, quando for o contrário, ou seja, quando a versão feminina for mais enxuta do que a masculina, ela será a primeira a constar na abreviação e aparecerá na íntegra?

R: Exato.

P: Você pode, por favor, me exemplificar um caso para que eu confirme a suposição?

R: Sem problema. Veja a abreviação *cidadã/o*. “Cidadã” tem uma letra a menos do que “cidadão”.

P: Mas não é esquisito começar com o feminino?

R: Esse desconforto provém de nossa visão de mundo, ainda muito impregnada pela idéia milenar – e simplória – na qual o ser humano do sexo masculino seria o centro do universo. Infelizmente, estamos demasiadamente acostumad@s a dizer “cidadão ou cidadã”, mas quase nada habituad@s com *cidadã* ou *cidadão*. Felizmente, é só uma questão de (pouco) tempo e uso do PCIG para que o “estranho” se torne corriqueiro. Ao começarmos sempre com a versão mais curta, em vez de necessariamente com a versão masculina, estabelecemos um critério de abreviação mais justo do que o androcêntrico.

P: E é bom lembrar que androcentrismo é, no fundo, androcracia?

R: Sim. Recordemos do que foi retratado no Quarto I, dos valores androcárnicos e dos problemas que estes geram nas vidas de mulheres no Brasil e mundo afora. Além da injustiça histórica contra o sexo feminino, os males androcárnicos são sentidos por milhares de esposas que ainda apanham de seus maridos. Tudo isso ocorrendo em pleno século XXI. Como se elas fossem propriedades deles.

P: Mas esse raciocínio de sempre colocar os homens em primeiro plano, também não prejudica os seres humanos do sexo masculino, incluindo aí, os humanos brasileiros?

R: Com toda a certeza, a androcracia não prejudica apenas as mulheres, senão o mito do *homem sempre forte* não sustentaria um modelo previdenciário no qual os brasileiros (do sexo masculino) se aposentam 5 anos mais tarde do que as brasileiras. E olha que eles vivem, em média, quase oito anos a menos*.

P: Isso, sem contar, todos os senhores que continuam a falecer idiotamente de câncer da próstata porque deixaram de fazer um exame que “lhes tiraria a masculinidade”.

R: Sua evocação é muito pertinente. Parabéns pela observação. Também sob esse ponto de vista, nós ainda não saímos completamente da Idade das Trevas.

P: Não há dúvida de que a língua na qual nós nos comunicamos molda nossos pensamentos e vice-versa. É por isso que incluir em gênero é preciso. Mas a barra cumpre bem esse papel de ferramenta de inclusão?

R: Certamente, assim como as abreviações com ‘@’ e com ‘æ’, aquelas com ‘/’ incluem homens e mulheres ao juntar a versão masculina e a feminina em uma só palavra.

* Esse não é o principal problema previdenciário no Brasil, mas qualquer discussão sobre uma reforma no sistema de aposentadorias deveria considerá-lo também.

P: Só que a barra parece privilegiar mais o gênero masculino do que o feminino – e por conseguinte – os homens em relação às mulheres. Pois, embora os dois gêneros apareçam nas abreviações com ‘/’, quase sempre é o masculino que vai na frente. Não é?

R: Na prática, é isso sim. O número de palavras nas quais a versão masculina tem menos letras do que a feminina é muito maior do que o inverso. Desafortunadamente, exemplos como cidadã/o, irmã/o, anã/o, cirurgiã/o, campeã/o e alemã/o são raros.

P: Esse é o ponto no qual eu queria chegar. A barra não é machista?

R: Não, a barra apenas reflete o fato de que a androcracia está fortemente impregnada no idioma português a tal ponto de não padecer somente do paradigma *dominante-recessiva*. Sua ortografia é também centrada, na imensa maioria das vezes, no masculino.

P: O jeito é mudar a ortografia do português?

R: Esta seria uma alteração profunda e cuja resposta não é para qualquer um/a. É por isso que ela se encontra em separado, no exclusivo *Quarto IV – Só para VIP’s*. Você tem todas as condições de entrar neste clube seletivo de VIP’s. Mas para chegar lá, é altamente recomendável que você me faça algumas perguntas-chave antes de finalizarmos o jogo de perguntas e respostas deste terceiro Quarto[†].

P: Apesar de toda a minha inquietação, eu espero um pouco antes de discutirmos uma questão tão ortográfica quanto polêmica. Mas há um aspecto de ordem prática e ele tem que ser resolvido agora. A abreviação “cidadã/o” continua me soando estranha. Posso escrevê-la como cidadã/ã?

[†] E, quem sabe, descobrir o porquê de “patrão/oa”.

R: Sem sombra de dúvida. Ela também está correta, bem como, uma terceira possibilidade: cidadã/dão. Somente porque neste ensaio dá-se preferência às maneiras mais curtas de se abreviar – como cidadã/o – isso não significa que as outras precisem ser descartadas. O PCIG é muito jovem para ser rigidamente normatizado. Ainda bem.

P: Essa opção preferencial pelo mais curto utilizada no ensaio é uma aposta de que com o tempo e com o uso do PCIG por várias pessoas, a tendência será a de eliminarmos as letras repetidas?

R: Sim. Juntando a isso, temos aquele critério do “mais enxuto possível”, que é simples e fácil de ser seguido. Mas é bom repetir mais uma vez: os modos de abreviar com mais letras também estão corretos*.

P: A analogia com a física de Einstein realizada no Quarto anterior e que foi mencionada na fase A deste Quarto, pode ser estendida para a barra?

R: Imagino ao que você esteja se referindo, mas por favor, reformule a pergunta.

P: Ok. A abreviações com ‘/’ também economizam espaço e tempo, mas sem perda alguma de entendimento?

R: Sim. (E com a mesma vantagem de que nem o texto nem nós precisamos estar próxim@s à velocidade da luz para que os efeitos sejam percebidos :o)

* **P: Em quais situações devemos ou não seguir esse critério do mais enxuto possível?**

R: O tempo e o uso mostrarão as situações nas quais é melhor adotá-lo e outras, nas quais ele deve ser evitado. Como exemplo de uma possível exceção ao critério, nós temos as abreviações que terminam em ‘triz’ na página 10.

~~professor(a)~~ → professor/a

Esquema 2III-8 – Para que dois símbolos se um só já dá conta do recado?

P: Retomando um outro tema da fase A, um que não foi devidamente concluído: a questão dos parênteses, ‘(e ‘)’

R: Pois não.

P: A barra é preferível ao abre e ao fecha-parêntese porque é um símbolo contra dois?

R: Sim, sim. Além disso, os parênteses apresentam o problema da “hiperutilização”. De acordo com a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, os parênteses podem ser empregados para intercalar qualquer indicação acessória num texto^{xvii}. E é o que se sucede em muitas formas de comunicação escrita. Sendo assim, podemos substituir os dois símbolos nos finais das abreviações por ‘/’ e mantê-los onde eles são insuperáveis na ortografia de cará(c)ter inclusivista do PCIG.

P: E onde eles são insuperáveis na ortografia PCIG?

R: ‘(e ‘)’ marcam as letras opcionais de uma palavra. Em fa(c)to, por exemplo, a letra ‘c’ pode ser usada – como acontece no português europeu – ou não, caso do português brasileiro^{†xviii}.

P: Muito interessante. Quer dizer que os parênteses também podem funcionar como ferramenta não só de inclusão, mas de união entre pessoas de diferentes países, e que compartilham o português? Isso não é ó(p)timo?

R: De fa(c)to[‡].

† Outros membros da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – seguem uma ortografia mais parecida com a do português europeu do que a do brasileiro. OBS: a designação “português europeu” compreende, além de Portugal, as ilhas Madeira e Açores.

‡ Mas há alguns detalhes a serem considerados, vide a *Curiosidade 2H*.

P: Mudando de assunto. O logotipo “peciguiano” me chama a atenção há tempos, ainda mais com ênfase dada na figura 2III-5. Por que a barra aparece embaixo, na posição inferior, enquanto que o arroba e a ligadura ‘æ’ estão lá em cima? E o que isto tem a ver com as duas setas laterais?

R: A posição inferior da barra no logotipo do PCIG indica que ela deve ser evitada sempre que nós pudermos usar o arroba ou a ligadura em seu lugar. Nada nos impede de escrevermos “italianos/as” ou “francesas/es”, mas as formas *italian@s* e *francesæs* são preferíveis.

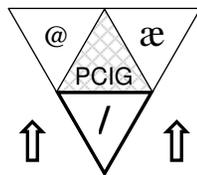


Fig. 2III-5 menorzinha

P: Isto tanto para economizar espaço-tempo quanto por causa da “guerra entre os sexos”?

R: Basicamente são estes os motivos, mas há uma razão adicional – e mais sofisticada – na *Curiosidade 2I*.

P: Não dá para ir a próxima fase sem fazer aquela pergunta indiscreta. Quão velha é a barra? Ela tem mais velinhas do bolo de aniversário do que a ligadura ‘æ’?

R: Muito provavelmente. Muito provavelmente também, o símbolo ‘/’ já era usado na Roma antiga^{xix}.

FASE EXTRA → PRELIMINARES

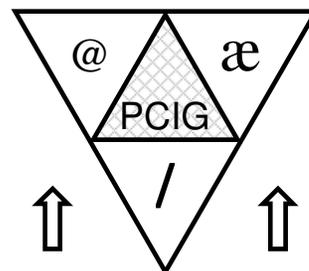


Figura 2III-9 – Fase eXtra

Pergunta/s: Sobre a figura ao lado, fico pensando: Por que nenhum elemento do logotipo “peciguiano” foi enfatizado?

R: Pelo contrário, todos os elementos do logotipo estão em ênfase na figura 2III-9. Por isso, aparecem em negrito. A idéia é sugerir que, agora, o foco não está mais dirigido para nenhum dos símbolos-abreviadores em especial, mas no PCIG como um todo.

P: Não ficou muito claro. Qual é o objetivo desta quarta e última fase?

R: A fase eXtra foi concebida no intuito de reunir e apresentar importantes aspectos do PCIG que ainda não tivemos a chance de conhecer.

P: Ué, eu pensei que nesta altura do campeonato faltariam poucos segredos “peciguianos” para serem relevados?

R: De fato, quase todas as “intimidades” foram reveladas. Os “segredos” que sobraram são poucos. Em compensação, eles são os mais ousados.

P: Ousados como?

R: As informações ainda guardadas nos permitem explorar possibilidades linguísticas nunca antes imaginadas por divers@s falantes do português (lusófon@s) – incluindo neste bolo, muitos estudios@s da nossa língua. Pessoas leigas e saudavelmente mais curiosas do que a média nacional também se deliciarão com as iguarias do próximo Quarto.

P: Só para variar, você me deixou na expectativa do que virá. Por favor, cite alguns exemplos sobre o que você está se referindo?

R: Há aspectos do PCIG que, por incrível que pareça, já foram utilizados diversas vezes em *Números Polêmicos*. Mesmo assim, eles não foram devidamente explicados. Um exemplo disto é a marcação inclusiva apenas na última palavra de um trecho.

P: Você quer dizer que neste ensaio há somente uma abreviação apenas por trecho de texto? Qual é o tamanho do trecho?

R: O tamanho varia conforme o ensaio.

P: Varia muito?

R: Sim. Neste ensaio sobre o número 2, os trechos são bem pequenos, meros pedaços de frase chamados de sintagmas. Enquanto isso, em *0 – O direito que você provavelmente não tem*, eles são tão longos quanto seções inteiras, e por isso, as abreviações inclusivas só aparecem uma vez a cada muitos parágrafos. Contudo, o capítulo mais acanhado de todos na questão de inclusão de gênero é a introdução *-1 – Tudo menos matemática*. A fim não “assustar” o leitor/a recém-embarcado nesta viagem a terras menos androcáticas, apenas três abreviações inclusivas aparecem ao longo de suas páginas.

P: Mas por quê desta variabilidade?

R: Isso você confere no próximo Quarto.

P: Além de um certo sadismo da sua parte, há razões didáticas para que todas as cartas embaixo da manga não sejam reveladas de uma vez só?

R: O sistema de “descoberta gradual” não intenciona judiar de ninguém, e sim, diluir conceitos ainda pouco conhecidos ao longo de um número suficiente de páginas, evitando que uma concentração de novidades desestimele a leitura. Mas vale a pena

deixar bem claro que as expectativas criadas não são “promessas de político brasileiro”. Elas serão devidamente cumpridas até o final do Quarto IV.

P: Quais são os outros assuntos que serão discutidos?

R: Veremos também como pronunciar as abreviações inclusivas e discutiremos as complicações ortográficas do idioma português. Sem esquecer, é claro, da questão sobre o gênero inclusivo.

P: Gênero inclusivo? Não seria gênero neutro como aquele presente no latim, no alemão, no russo, e naquela língua falada pelo monstro Grendel no filme Beowulf?

R: Você quer dizer o inglês antigo, o idioma falado do século V até o meio do XII, em grande parte da Inglaterra e do sul da Escócia^{**}.

P: Sim. Gênero neutro e inclusivo não são a mesma coisa?

R: Não exatamente, para o azar d@s atuais falantes de alemão e de russo.

P: E a diferença entre o neutro e o inclusivo também será explanada somente no próximo Quarto?

R: De fato, até porque esta fase eXtra já está quase no fim.

P: A fase eXtra está no fim, mas o Quarto III não necessariamente?

R: O princípio você já conhece. Após a expressão “FIM...?”, sempre aparece Curiosidade/s[†].

* E do qual o gigantesco poema épico Beowulf – mais de 3.000 linhas – é a principal obra literária. A propósito, o poema não serviu de inspiração para mais de um filme nos últimos anos. Além do filme homônimo de 2007, dirigido por Robert Zemeckis, há um de 2005, chamado Beowulf & Grendel e um terceiro, um pouco menos recente, de 1999.

† Uma ou mais Curiosidades, como podemos constatar na 2I

P: Para finalizar, por que esta fase se chama *Preliminares*?

R: Porque as informações aqui contidas antecedem àquelas reservadas para @s VIP's e são um convite para que o leitor/a pertença a esse seletto grupo.

P: É muito estranho você usar expressão *VIP's* – Very Important People (pessoas muito importantes). Esse exclusivismo contrasta com a proposta de inclusão do PCIG?

R: Qualquer um/a pode fazer parte de um grupo muito mais interessante do que @s Very “Important” People. Estamos nos referindo a outr@s VIP's.

P: Quem são elæs?

R: @s Very Interested People, as pessoas realmente interessadas na inclusão de gênero e numa democratização das formas de tratamento mais humanitárias. Seja porque já descobriram as vantagens destas em relação ao português tradicional, seja por uma das principais qualidades do ser humano: a irresistível vontade de saber mais.

(Até jan/2009, o Quarto IV ainda não estava finalizado, mas quando isto acontecer, você poderá lê-lo em <http://NumPol.com/br/pdf/2IV.pdf>)

FIM DO QUARTO III?

CURIOSIDADE 2D – CACHORRINHO, CAMUNDONGO, CARACOL, MACACO-ARANHA, RABO DE PORCO, ETC

Pergunta/s: Porque o inventor do primeiro sistema de e-mail, Ray Tomlinson, escolheu o arroba (maiúsculo) para constar nos endereços eletrônicos?

R: Na época que Ray escolheu ‘@’ – começo dos anos 70 – o símbolo era pouco utilizado em programas, mas suficientemente conhecido para constar dos teclados de então^{xxi}.

P: O nome “at sign”, como o arroba é chamado na língua inglesa vêm de *at* the price of e *de* commercial *at*?

R: Provavelmente. O interessante é que a preposição “at” também é usada no sentido de localização (e neste caso, equivale à nossa preposição ‘em’). Desta maneira, o endereço *fulano@acolah.com.br* indica que a caixa-postal de *fulano* se encontra no * servidor *acolah.com.br*[†].

P: Como ‘@’ é conhecido ao redor do mundo?

R: Além dos países anglófonos, muitos outros chamam-no como “at sign” – lê-se “ét sáin”. Mas há apelidos curiosos para o símbolo, como nome de animais ou partes deles. Exemplos: cachorrinho (Rússia), camundongo (China), caracol (Coréia, França, Israel e Itália), macaco (Polônia e Sérvia), macaco-aranha (Alemanha), rabo de porco (Dinamarca e Noruega), rabo de macaco (África do Sul, Alemanha[‡], Eslovênia, Finlândia e Países Baixos,), a com tromba de elefante (Suécia), rollmop[§] (República Tcheca)^{xxii}.

* Preposição ‘em’ + artigo ‘o’ = contração ‘no’

† “acolah.com.br” foi colocado como exemplo justamente por não ser utilizado por nenhuma empresa. Claro que, uma vez citado em uma obra, a chance dele se tornar um endereço ativo se eleva.

‡ O arroba pode ser comumente apelidado por mais de uma maneira pelos habitantes de um país.

§ Conserva de peixe enrolada, normalmente de arenque.

CURIOSIDADE 2E – O TAMANHO DO “ARROBINHA”

Pergunta/s: Qual é o tamanho do arroba minúsculo adotado nesta coleção de ensaios?

R: Quase todo os textos de *Números Polêmicos* estão na fonte Times New Roman e no tamanho 12, e para que o “arrobinha” não ficasse maior ou menor do que as outras letras minúsculas, diferentes tamanhos foram experimentados. A conclusão foi que ele ficaria melhor com Times 8. Isto representa 2/3 do tamanho original – dentro daquela faixa de 60% a 75%.

Já, outros elementos tipográficos utilizados na coleção se valem de outras fontes. Por exemplo: parágrafos em destaque (como este aqui) aparecem em Arial 10. Empiricamente notou-se que o arroba minúsculo ficava bem nestes parágrafos quando em Arial 7 (70 % do tamanho original, também dentro da faixa recomendável).

P: E se eu estiver escrevendo à mão, como calcular tamanho correto para o ‘@’?

R: Neste caso, esqueça o fator de diminuição da fonte. Use a intuição, o *feeling*. Escrever (desenhar) o “arrobinha” no tamanho certo é mais fácil do que parece. Com um pouquinho de prática, eventuais problemas de caligrafia tendem a desaparecer.

P: Você tem mais alguma dica, se eu quiser testar o tamanho mais adequado para o arroba em uma fonte (tipo de letra) qualquer?

R: Neste caso, escolha o tamanho de letra para o pequeno arroba de forma que o topo dele esteja na mesma altura das letras “baixinhas”.

P: Letras “baixinhas”? Quais são elas?

R: Repare atentamente a figura 2III-3b da página 4, reproduzida aqui novamente. Nela, o topo do @ coincide com a parte mais alta das letras ‘r’, ‘a’, ‘s’, ‘i’ (sem o pingo) e ‘e’. Outra marca a ser

observada é o fundo das letras e o fundo do ‘a’ que está dentro do arroba minúsculo.

Eles também prati-camente coincidem, conforme a linha tracejada nos indica.

Figura 2III-3b – letras em Times New Roman tamanho 36 e arroba minúsculo em TNR 24 (dois terços do tamanho original)

P: Então, a escolha do tamanho para o arroba minúsculo é no “olhômetro”?

R: Sim, mas somente até que uma primeira convenção se estabeleça para o determinado tipo de letra que você está usando – e isto deve acontecer dentro em breve. Se é que já não aconteceu. Para tanto consulte o fórum correspondente em www.numpol.com

CURIOSIDADE 2F – VIDA DIGITAL FACILITADA

P: São necessárias 3 + 1 teclas no Microsoft Word para digitar se a ligadura ‘æ’. Como digitá-la com apertando só duas teclas?

R: Através da personalização do teclado. Se você utilizar o Word em português, na versão 2000, 2002 (XP) ou 2003, siga os passos abaixo:

1. Clique no menu *Ferramentas*
2. A seguir, escolha a opção *Personalizar*
3. Uma nova janela se abrirá. Nela, aperte o botão chamado “*Teclado...*”
4. E na próxima janela aberta, escolha em *Categoria* (acima à esquerda) a opção “*Símbolos Comuns*”, que é a última
5. Ao fazer isso, o nome da lista acima à direita mudará para *Símbolos Comuns*. Aproveite e escolha o símbolo “æ” – o qual está no meio de uma longa lista
6. Chegou o momento de digitar a combinação de teclas desejada. Mas antes, clique no campo *Pressione a nova tecla de atalho* (no meio à direita)
7. Agora sim entre com a combinação que você escolheu, mantendo todas as teclas apertadas. Em seguida, clique no botão *Atribuir*
8. Pronto. Somente feche tanto a janela *Personalizar Teclado* quanto a janela *Personalizar*.

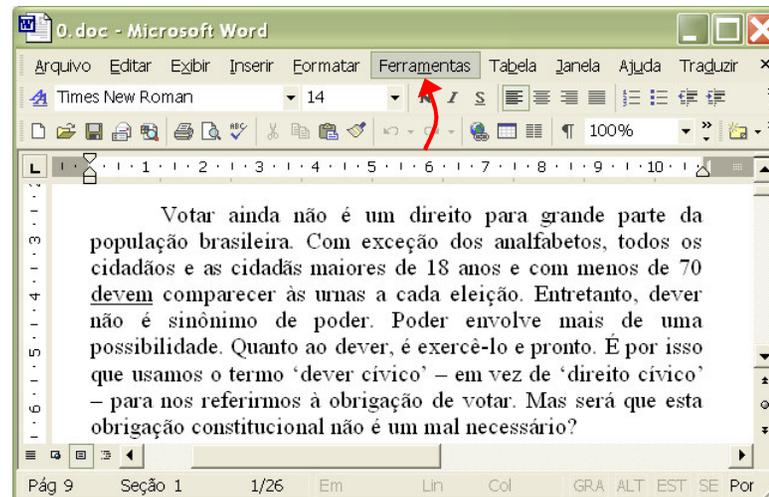
Dica: A combinação de teclas **Alt + L** é muito interessante, não apenas porque ela está vaga, mas também porque a letra ‘L’ nos remete à palavra “*ligadura*”.

P: Dito assim, sem figuras, os oito passos ficaram um pouco confuso. Você pode me explicar graficamente?

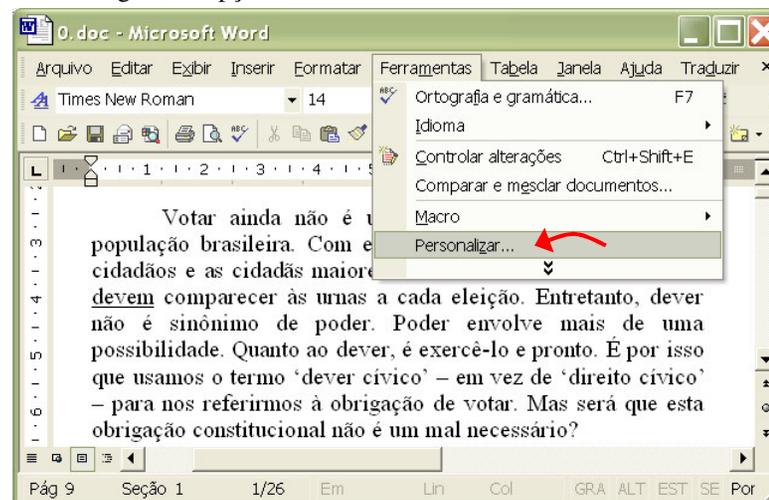
R: Ótima idéia. Segue a mesma explicação, agora com as telas copiadas*:

* A indexação das sequências de telas vai de “2III-10a” a “2III-10g”.

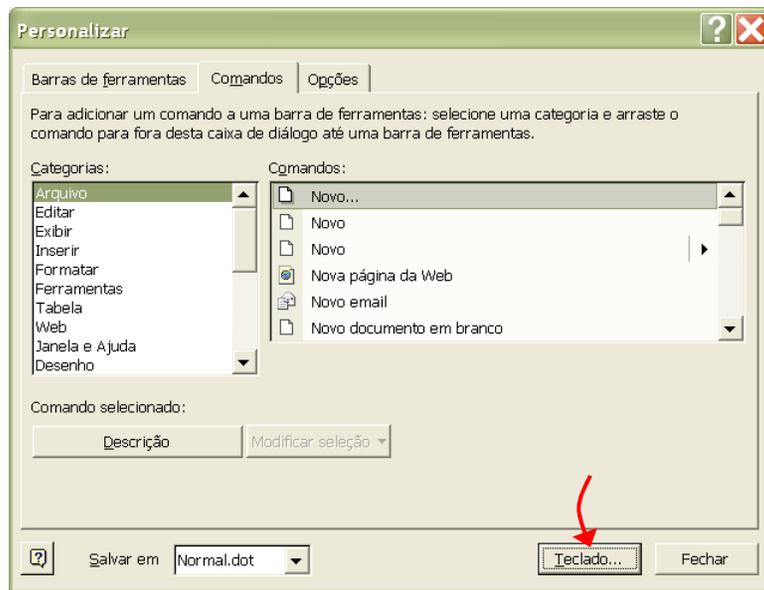
1. Clique no menu *Ferramentas*:



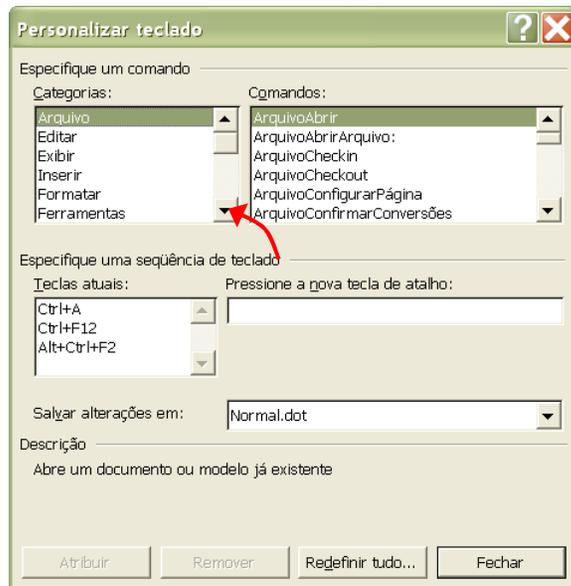
2. A seguir, na opção *Personalizar*:



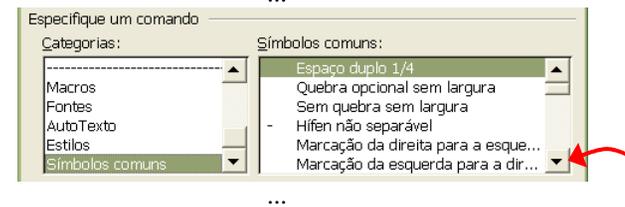
3. Uma nova janela se abrirá. Nela, aperte o botão chamado “*Teclado...*”:



4. E na próxima janela aberta, escolha em *Categoria* (acima à esquerda) a opção “Símbolos Comuns”, que é a última:



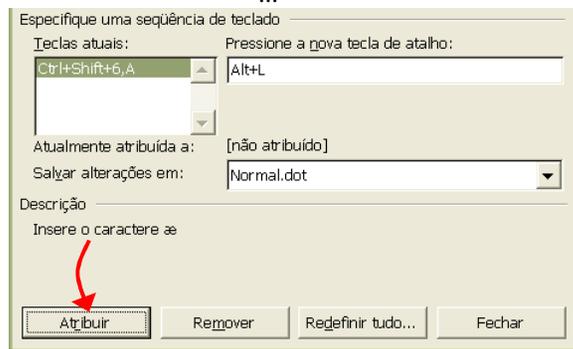
5. Ao fazer isso, o nome da lista acima à direita mudará para *Símbolos Comuns*, aproveite escolha o símbolo “æ” – o qual está no meio de uma longa lista:



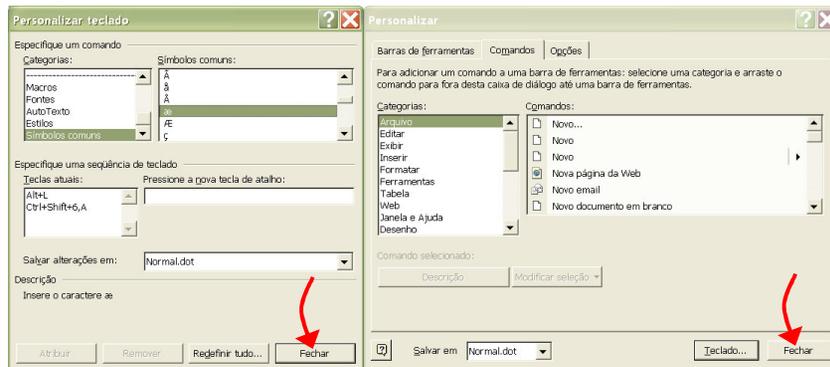
6. Chegou o momento de digitar a combinação de teclas desejada. Mas antes, clique no campo *Pressione a nova tecla de atalho* (no meio à direita):



7. Agora sim entre com a combinação que você escolheu, mantendo, por exemplo, as teclas *Alt + L* apertadas. Em seguida, clique no botão *Atribuir*:



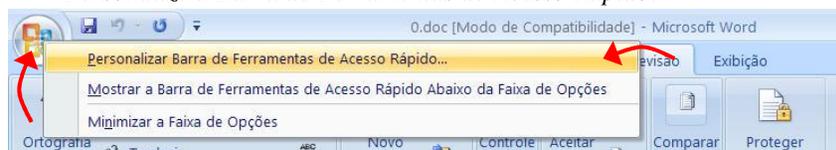
8. Pronto. Somente feche primeiramente a janela *Personalizar Teclado* e depois, a janela *Personalizar* (até porque se você não as fechar, não poderá continuar usando o Word):



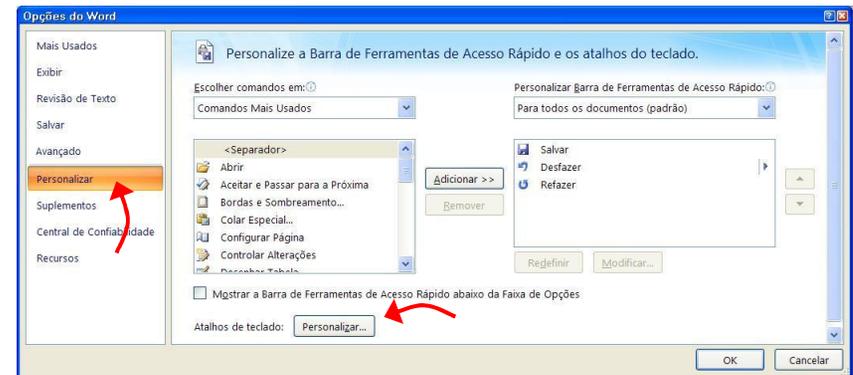
P: Para quem tiver o Word 2007, os passos são os mesmos?

R: Praticamente. Os únicos que diferem são o primeiro e segundo passos. No Word 2007:

1. Clique com o botão da direita do mouse no círculo do Microsoft Office, no canto superior esquerdo: em *Personalizar* no painel *Personalize a Barra de Ferramentas de Acesso Rápido*.



2. Uma nova janela se abrirá. Nela escolha a opção *Personalizar* à esquerda. Clique também em um botão com o mesmo nome, (*Personalizar*). Este está embaixo, à direita de "Atalhos de teclado":



OBS: Esta janela, ao invés de um botão de Fechar, tem um botão Ok, mas o princípio é o mesmo do Word 2000 a 2003.

P: Ainda no Microsoft Word – versão 2007 ou anterior – posso escolher também uma combinação de teclas para a ligadura maiúscula ‘Æ’, do mesmo “jeitão”?

R: Sim. Como as letras maiúsculas normalmente alcançadas através da tecla SHIFT, sugiro que ‘Æ’ esteja associada a Alt + Shift + L*.

P: E no BrOffice.org Writer, como faço para reconfigurar o teclado?

R: É necessário criar macros (bem pequenas) e associá-las a combinações de teclas neste editor. www.numpol.com contém mais informações a respeito.

* Provavelmente essa combinação de teclas estará associada à macro “TopicosExibirPrimeiraLinha”, troque os lugares, atribua a antiga combinação da ligadura maiúscula – Ctrl + Shift + 6, Shift + A – a esta macro e vice-versa.

P: Macros também são importantes para escrever o “arrobinha”?

R: Aliás, seja no Word ou no Writer, também é possível fazer o download (baixar) as macros “arrobinha” e “arrobão” do website desta coleção. As instruções se encontram lá mesmo*.

P: Tudo bem quanto aos editores de textos mais conhecidos, mas e se eu estiver usando um software como o Live (MSN) Messenger, que não dispõe de nenhuma combinação especial de teclas, nem de um mecanismo de configuração†?

R: Ainda assim, sempre existe uma combinação que vem com o sistema operacional. Se você estiver usando alguma versão do Microsoft Windows:

1. Ligue o teclado numérico (Num Lock). OBS: uma luz correspondente acenderá no seu teclado.
2. Digite 145 mantendo o Alt esquerdo apertado.

Assim você digita a ligadura em qualquer programa.

OBS: Esta dica talvez não funcione com Linux ou UNIX. Se este for o caso, tente Alt + 0230‡. No Macintosh, tente option key + “ ’ “ (apóstrofo). De acordo com Wikipedia – English – Æ (31/01/2007), funciona.

* Sugestão: no Word associe-as respectivamente às combinações, Alt + Ctrl + A e Alt + Ctrl + Shift + A, que estão vagas. Já, no Writer – que não permite personalizações com a tecla ALT – atribua Ctrl + A ao “arrobinha” e Ctrl + Shift + A ao “arrobão”.

† Pelo menos, até a versão 8.1

‡ Essa segunda receita também é válida para o Windows

CURIOSIDADE 2G – ÆON FLUX E O CASO DA LIGADURA MAIÚSCULA

P: No texto principal, foi dito que a ligadura maiúscula ‘Æ’ acaba sendo usada apenas em situações atípicas. Quais são as elas?

R: Pelo menos no PCIG, ‘Æ’ só aparece em duas circunstâncias: quando todas as letras de uma abreviação estão em maiúsculas, a exemplo de ELÆ. Ou então, em alguns estrangeirismos, como Æon Flux^{§xxiii}.

P: Por que a ligadura maiúscula não aparece em textos “normais”?

R: Com “normais”, acredito que você deseja se referir à forma-padrão de se utilizar letras maiúsculas e minúsculas, que é reservando as primeiras para a letra inicial de algumas palavras.

P: Quais?

R: Entre essas palavras estão:

- Nomes próprios, como Oceano Pacífico, Austrália, Nova Zelândia, Havaí, James Cook^{**xxiv}, etc
- Expressões as quais se queira enfatizar. Um exemplo é o próprio Português Com Inclusão de Gênero.
- A palavra que inicia uma frase

P: Já que você falou a respeito da letra inicial de palavras, pelo que entendi da sua resposta, não há palavras que começam com a ligadura. Estou cert@*?

§ (“Fluxo Eterno” em latim medieval). Desenho animado que passou no canal MTV nos anos 90 e virou filme em 2006.

** Capitão da marinha britânica, que em três expedições, descobriu a costa leste da Austrália, o Havaí, e circunavegou a Nova Zelândia.

R: Está sim. Nenhuma palavra do português tradicional-androcrático se inicia com ‘æ’. O mesmo vale para as abreviações do PCIG em relação à ligadura. Mas este não é o caso do arroba.

P: Como assim?

R: Há duas abreviações muito importantes que se iniciam com o arroba.

P: Quais? Desculpe-me. Deixe-me pensar um pouco... Já sei, “@” e “@s”?

R: Muito bem notado. A primeira destas abreviações junto o artigo “a” com o artigo “o”. A segunda é forma plural da primeira: as + os → @s. Ambas iniciam frases no PCIG com uma grande frequência.

P: Você pode me mostrar exemplos disso?

R: Certamente. As duas frases a seguir se iniciam com o “arroba”, contendo adicionalmente muitas abreviações inclusivas. A primeira delas está no plural e a segunda no singular. Note também que a 1ª frase concentra os exemplos com a ligadura enquanto que a 2ª apresenta uma série de abreviações com o arroba e a barra:

@s profissionais de informática podem ser programadoræs, operadoræs, administradoræs de banco de dados, administradoræs de rede, desenvolvedoræs de aplicativos e de software básico, digitadoræs, consultoræs...

@ profissional de informática também pode ser um/a analista de sistemas, um arquitet@ de sistemas, um/a gerente em TI, um/a web designer, um/a webmaster, um

* Neste jogo ficcional de P&R, @ perguntante pode ser tanto uma mulher quanto um homem. O mesmo vale para @ respondente, o qual não é o *alter ego* do autor (sem ‘a’ no final).

engenheir@ de sistemas, um/a especialista em segurança, um/a CIO[†] (e a lista continua).

P: Mas “@” e “@s” não são curtinhas demais? A primeira só tem uma letra e a segunda, duas.

R: Ser curta não é um defeito em uma abreviação, mas sim uma grande qualidade, pois assim se economiza espaço-tempo.

P: É verdade. Aliás, quase havia me esquecido da analogia com a Física de Einstein. Se a menor abreviação com o arroba tem apenas uma letra, quantas tem a menor abreviação com a ligadura ‘æ’?

R: Três no singular e quatro no plural. É abreviação “elæ” (elæs), citada na coluna da próxima página

P: Três e quatro letras. É por isso que não há abreviação que comece com a ligadura?

R: Indiretamente sim. Em princípio, nada impediria que uma abreviação inclusiva tivesse a ligadura como a letra inicial[‡]. Mas ocorre que tanto ‘æ’ quanto ‘@’ só ocupam a última posição das abreviações no singular. No plural, a ligadura e o arroba sempre ficam na penúltima posição.

[†] **TI** é abreviação de tecnologia da informação e **CIO** de *Chief Information Officer*, cargo máximo na carreira e equivalente a um diretor/a de TI de uma grande corporação.

[‡] No PCIG, tanto o arroba quanto a ligadura são letras, da mesma forma que as abreviações inclusivas também são palavras.



Figura 2III-6a–abrev. longa no singular

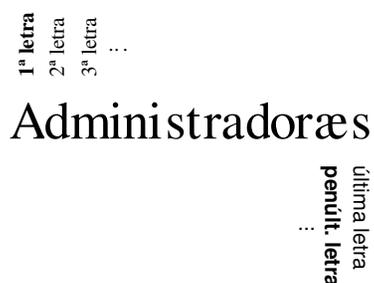


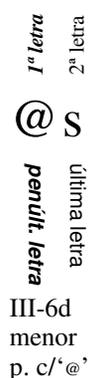
Figura 2III-6b – abreviação longa no plural

P: Logo, a abreviação “@” é um caso especial porque nela o arroba é ao mesmo tempo a primeira e a última letra?

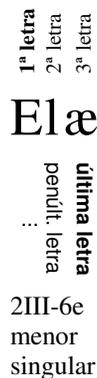
R: É isso mesmo. Raciocínio análogo vale para o plural “@s”, onde o arroba ocupa simultaneamente a primeira e a penúltima posição



F. 6c
men.
sing.



III-6d
menor
p. c/‘@’



2III-6e
menor
singular



Fig.2III-6f
menor plu-
ral com ‘æ’

Com a ligadura, isso não acontece, já que mesmo a menor das abreviações tem mais que 1 letra no singular e + que 2 no plural.

P: Por favor, observe se o meu resumo está certo: ao contrário da ligadura minúscula, a ligadura maiúscula tem uso reservado no PCIG por força de sua natureza. Ou ela

aparece em palavras com todas as letras enfatizadas – como em CONSULTORÆS – ou em estrangeirismos que se iniciem com a mesma.

R: Certíssimo.

P: Um último pedido (sobre esse assunto). Você pode me citar mais alguns estrangeirismos, apenas como curiosidade?

R: Posso sim, será um prazer. Destaco três exemplos:

1. **Æther** é a grafia em latim medieval para o que nós chamamos em português de “o Éter”, a substância que preenchia o todo vazio. Conceito já existente na Grécia antiga, foi considerado por Aristóteles como o quinto elemento da matéria – além de fogo, terra, água e ar. O conceito atravessou toda a Idade Média e foi utilizado a partir do século XVII para explicar os fenômenos físicos, sendo lentamente descartado ao longo dos séculos XIX e XX graças à descoberta da natureza eletromagnética da luz, da teoria da relatividade e da física quântica^{xxv}.
2. **Ærø**: ilha no sul da Dinamarca, próxima à fronteira com a Alemanha^{xxvi}. OBS: lê-se “érê” (abrindo o primeiro ‘e’ e fechando bem o segundo).
3. **Æsir**: clã de deuses na mitologia nórdica ao qual pertenciam entre Outr@s, Thor – o Deus do Trovão – e seu pai Odin, o “chefão” do mundo divino^{xxvii}.

P: Muito obrigad@.

R: Não há de que. Também fico agradecid@ pelas suas perguntas intrigantes*.

* Conforme já mencionado em uma nota anterior, a informação tanto do sexo d@ perguntante e quanto d@ respondente é desconhecida. Aliás, uma das brincadeiras deste jogo de P&R está justamente em dispensá-la.

CURISIODADE 2H – OS PARANTÊSES EM UMA UNIÃO (AINDA) TÍMIDA

P: Vimos que os parênteses agem como um fa(c)tor de união entre as ortografias do português brasileiro e do europeu*. Mas foi dito também que existem alguns detalhes a serem considerados. Quais são esses detalhes?

R: Em primeiro lugar, vale a pena notar que a função dos parênteses não é somente unir os dois diale(c)tos-padrão, mas de marcar quaisquer letras que por ventura sejam opcionais no meio ou no começo de uma palavra[†]. Por sua vez, a barra é mais adequada se a letra ou letras opcionais estiverem no fim.

P: A barra é mais adequada no fim porque se trata de um símbolo só, ao invés de dois?

R: Isso, isso. De quebra, tem a questão da “hiperutilização” dos parênteses – os quais marcam não apenas a facultatividade de letras antes do final de uma palavra, mas também de palavras inteiras (dentro de uma frase).

P: Tudo o que você disse é importante, mas na verdade, você quer mencionar um outro detalhe. Qual?

R: Que os parênteses quase não são usados no resto de *Números Polêmicos* como marcador de letras, mas somente como marcador de palavras opcionais, bem como, de trechos de frase facultativos. E há uma razão para tanto.

* A designação “português europeu” compreende originalmente, além de Portugal, as ilhas Madeira e Açores, mas pode ser estendida aos países lusófonos africanos – bem como, o Timor-Leste na Oceania – uma vez que todos eles seguem a regras ortográficas do ex-colonizador.

[†] Como as abreviações de duplo sentido: (*in*)*decisão* – escolha não muito firme, (*a*)*partidarismo* – neutralidade política em sistemas de voto obrigatório, (*vis*)*condessa* – indeterminação sobre qual título ostenta a mulher em questão, etc.

P: Acredito que eu sei qual seja. É o fato da coleção privilegiar o português brasileiro?

R: Você observou muito bem. Quase não há letras facultativas para se marcar se considerarmos apenas o português brasileiro.

P: Mas, e por que desprezar o português europeu?

R: Ele não foi desprezado. A intenção é criar uma versão em separado do ensaio nesse dialeto-padrão.

P: Desculpe-me pela insistência, mas por que não incluir os falantes não-brasileiros da língua também como leitoras preferenciais desta versão? Afinal de contas, a inclusão não é o principal característica do PCIG?

R: Estamos falando agora de duas inclusões diferentes. Em uma, nós elevamos a condição do gênero feminino – por extensão, das mulheres – na língua tradicional a fim torná-la menos androcática. Este é o propósito maior do PCIG. Secundariamente, o PCIG pode ser utilizado para aproximar os países lusófonos e os seus habitantes.



Figura 2III-11 – Países espalhados compartilhando a mesma língua^{xxviii}

P: Mas qual é a razão de considerar a inclusão de gênero mais prioritária do que a aproximação do Brasil com os outros países lusófonos?

R: Apesar de quaisquer esforços para intensificar o intercâmbio cultural e econômico com Portugal, e também com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial^{*xxix}, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, os brasileir@s se comunicam pouco com os outros lusófon@s, e vice-versa. Até pelo fato de que as distâncias geográficas não ajudam, conforme à figura 2III-11.

P: Isso significa que as diferenças ortográficas entre o Brasil e os outros permanecerão assim durante muito tempo?

R: Felizmente graças à tecnologia e à globalização, as distâncias são cada vez menos uma barreira entre @s habitantes de diferentes nações.

P: Quem sabe, daqui alguns anos, abreviações como *cará(c)ter* sejam facilmente aceitas, sem espanto por grande parte das pessoas falantes do português?

R: Um bom indício de que este momento estaria mais próximo seria a assinatura de Portugal no Acordo Ortográfico de 1990^{xxx}.

P: Se eu não me engano, as letras mudas deixam de ser grafadas por este acordo. A abreviação “ó(p)timo” estaria errada então?

R: Mesmo se – e numa visão mais otimista, mesmo quando – o Acordo entrar em vigor, muitos lusófonos não-brasileir@s provavelmente ainda grafarão o ‘p’, embora ele seja mudo em

* Guiné-Equatorial é membro observador da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e pleiteia cadeira permanente nesta. Já, a ex-colônia Macau – e agora região administrativa especial da República Popular da China – não foi mencionada porque, por enquanto, não houve nenhuma intenção oficial de ingresso na CPLP, até mesmo na condição de simples membro observador.

qualquer dia(c)leto da nossa língua em comum. Como um sinal de respeito e compreensão com esses grupos de seres humanos, poderemos (opcionalmente) colocar a letra muda entre parênteses.

P: Os parênteses são os únicos símbolos que unem as diferenças ortográficas entre a norma culta do Brasil e a de Portugal?

R: Não. Os colchetes também são importantes, pois passam uma idéia de disjunção (ou uma letra ou a outra). Veja o caso de gênero na grafia brasileira e género na portuguesa. As duas grafias se tornam uma só através de ‘[’ e de ‘]’. Ficamos então com gê[é]nero^{†xxxi}.

P: Ou será com gé[ê]nero, com o acento agudo vindo antes do circunflexo?

R: Boa pergunta. Futuros desentendimentos entre brasileir@s e outros lusófon@s poderão ser evitados – ou pelo menos, atenuados – com a introdução de um novo acento: o circum-agudo



Fig. 2III-12 – acento circum-agudo

P: Ou será melhor chamá-lo de circunagudo?

R: Talvez. Ou talvez as duas formas estarão corretas[‡]. Mas esse é um papo para o futuro. Até precisarmos chegar a algum consenso, provavelmente muitos e muitos verões se passarão.

† A idéia para usar tanto os parênteses quanto os colchetes no interior das palavras foi observada no ótimo website [web sítio] *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*.

‡ e neste caso poderiam ser abreviadas por iniciad@s como *circun[m-]agudo*

CURIOSIDADE 2I – SOFISTICADAS COMPOSIÇÕES

P: Os dois motivos para nós preferirmos a ligadura e o arroba sempre que possível – em detrimento da barra – são a economia de espaço-tempo, e também aquela história de evitar uma “guerra entre os sexos”. Porém, foi dito no texto principal que haveria um terceiro motivo. Qual seria este?

R: É a capacidade da ligadura e do arroba serem combinad@s com a barra no intuito de formarem abreviações de amplo alcance.

P: Como assim, de amplo alcance?

R: São abreviações inclusivas não apenas em gênero, mas também em número gramatical.

P: O que é número gramatical?

R: Em linguística, número é a característica de uma palavra que define se ela está no singular ou no plural*.

P: E é possível criar uma abreviação que valha tanto para o plural quanto para o singular?

R: Sim, e de uma forma muito simples. *Médico/s*, por exemplo, pode se referir tanto a um profissional de medicina do sexo masculino, quanto a dois profissionais, a três, a quatro, etc.

P: Só do sexo masculino? Imagino que depois de unir o singular ao plural, o próximo passo é juntar o masculino com o feminino.

R: Ou o feminino com o masculino. Em *médic@s*, por exemplo, nós fazemos menção a um ou mais profissionais de medicina,

* Mas observe que nem todas as classes de palavras têm número. Enquanto que a maioria dos substantivos, adjetivos, pronomes, artigos podem aparecer tanto no singular quanto no plural, esse não é o caso de preposições, conjunções, advérbios e interjeições. Essas últimas classes são invariáveis (inclusive em número).

independente do sexo de cada um dos membros deste grupo, se é que o grupo for composto por mais de uma pessoa. Mas não precisa ser o caso.

P: Mas não é mais fácil escrever “um ou mais médic@s”?

R: Ao escrevermos a paciente foi atendida pelo médic@s poupamos de tempo e espaço e não mencionamos apenas a nossa falta de informação quanto ao sexo d@ profissional de medicina em questão. Nós indicamos também nossa suspeita de que talvez a paciente tenha sido atendida por mais de um médic@. Tudo isso, com uma abreviação tão somente[†].

P: Entendi. E será que é pelo mesmo motivo do ganho einsteiniano de tempo e de espaço que é melhor escrever enfermeir@s do que “enfermeiro/a/os/as”?

R: Associada à questão do tempo e do espaço, vem sempre aquela “guerra entre os sexos”. Caso você sempre comece expressões e abreviações inclusivas repetidamente com masculino, uma (ou um) feminista pode lhe indagar – e com razão – que você não está fazendo justiça às mulheres.

P: Quase havia me esquecido deste pequeno grande detalhe. Realmente neste caso é melhor usar a combinação arroba + barra. E quanto à ligadura, podemos escrevê-la e depois terminar uma abreviação com esse final ‘/s’?

R: Certamente. *Elæ/s* e suas derivações – *delæ/s*, *nelæ/s* – são prova disto.

P: *Elæ/s* significa “ou ela ou ele ou elas ou eles”?

R: Não só. A abreviação inclui também mais três as possibilidades: ou ela e eles, ou ele e elas, ou elas e eles. Ao todo, são 7 os

[†] Seguindo a idéia de ocupar o menor espaço possível utilizada neste ensaio, “pelo” não foi seguida de “/s”, mas é claro que nada nos impede de escrevermos “a paciente foi atendida pelo/s médic@s”.

cenários possíveis. “Elæ/s” pode representar:

Uma mulher	Um homem
Duas ou mais mulheres	Dois ou mais homens
Um homem e 2 ou + mulheres	Uma mulher e 2 ou + homens
2 ou + mulheres e 2 ou + homens	

P: Esta forma de pensar é mais complicada do que aquele exemplo da paciente sendo atendida por um ou mais médic@s.

R: De fato, ela não é para principiantes no PCIG.

P: Mas um principiante teria problemas em captar o significado de abreviações sofisticadas como “médic@s”, “enfermeir@s” e “elæ/s”?

R: Bem notado. A utilização de dois ou mais símbolos-abreviadores juntos em uma abreviação não é recomendada logo nos primeiros contatos de um leitor/a com o PCIG. Contudo, uma vez que a inclusão de gênero na língua portuguesa tenha sido compreendida e aceita, é possível sim escrever desta maneira – ao mesmo tempo compacta e elegante.

P: Como é? Você mencionou “dois ou mais símbolos-abreviadores juntos” na resposta anterior. É possível escrever uma abreviação com 3 destes símbolos?

R: Com ajuda dos parênteses ou dos colchetes, sim. Veja o caso de *arquite(c)t@s*. A expressão abarca não só gêneros e números diferentes, mas também as grafias do português brasileiro e do europeu.

P: Caramba?! Estou de queixo caído.

R: O espanto com as abreviações multi-inclusivas* é normalíssimo e passará gradualmente enquanto você vai percorrendo o terreno d@s VIP’s†. Falta pouco. Você já está quase lá.

* Que também podem ser chamadas de *poli-inclusivas*.

† **P: Será que o VIP’s são DIP’s e vice-versa?**

R: Leia também *13,72 ou mais – Quero morar em Roraima* e você saberá.

SAIBA MAIS

ⁱ Agulha, Revista de Cultura – Fernando Pessoa – Navegar é preciso
<http://www.revista.agulha.nom.br/fpesso05.html>

Wikipédia – Português – Fernando Pessoa – Legado
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fernando_Pessoa&oldid=8139456#Legado

Wikipédia – Português – Pompeu
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pompeu&oldid=8002264>

Wikipédia – English – Pompey
<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Pompey&oldid=166741096>

ⁱⁱ About.com – How Many Email Users Are There?
http://email.about.com/od/emailtrivia/f/how_many_email.htm

ⁱⁱⁱ Wikipedia – English – At sign
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=At_sign&oldid=169359921

Wikipedia – Deutsch – @
<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=%40&oldid=38901273>

^{iv} Instituto de Pesos e Medidas do Estado de São Paulo – Distinção entre Massa e Peso
<http://www.ipem.sp.gov.br/5mt/medir.asp?vpro=massa>

Wikipedia – English – Earth’s gravity
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Earth%27s_gravity&oldid=168223458

^v Wikipédia – Português – Arroba (unidade de medida)
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arroba_%28unidade_de_medida%29&oldid=6820395

Wikipedia – Español – Arroba (unidad de masa)
http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Arroba_%28unidad_de_masa%29&oldid=12471019

^{vi} Foto de *Hapax – Unicode et ISO 10646 en français – Arrobe*
http://hapax.qc.ca/Pourquoi_arrobe_dans_10646.html

vii Wikipédia – Português – Língua galega
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=L%C3%ADngua_galega&oldid=8066721

Wikipedia – Galego – Língua galega
http://gl.wikipedia.org/wiki/Lingua_galega

Universidade de Vigo – Glosario de termos da Internet (galego-inglês-castelán-português) – letra A
<http://webs.uvigo.es/sli/glinternet/a.htm>

Confederación Intersindical Galega – Recomendacións para unha linguaxe non discriminatória
http://www.galizacig.com/arquivo/pdf/recomendacions_linguaxe_non_discriminatoria.pdf

Wikipedia – Ladino – Idioma djudeo-espanyol
http://lad.wikipedia.org/w/index.php?title=Idioma_djudeo-espanyol&oldid=19924

Biquipedia – Aragonés – Idioma aragonés
http://an.wikipedia.org/w/index.php?title=Idioma_aragon%C3%A9s&oldid=167951

Wikipedia – English – Mirandese language
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Mirandese_language&oldid=167621417

viii El Diccionario Panhispánico de Dudas – GÉNERO – @
<http://buscon.rae.es/dpdI/SrvltGUIBusDPD?lema=genero#22>

ix Instituto Camões – Fernando Reis – Academia das Ciências de Lisboa
<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/ciencia/e31.html>

OBS: pesquisas no Google e no web sítio do Instituto Camões também não encontraram nenhuma referência quanto o arroba inclusivo.

x Wikipédia – Português – HTML
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=HTML&oldid=8214183>

Wikipédia – Português – Weblog
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Weblog&oldid=8113145>

xi IBGE – População – Projeção da População – Revisão de 2004
ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Revisao_2004_Projecoes_1980_2050/

Outra fonte do próprio IBGE (para 2005) estima que a razão entre os sexos seria maior. Isto é, mais mulheres para menos homens, numa proporção de 20 mulheres para 19 homens. (População – Síntese de Indicadores Sociais – Aspectos Demográficos – Tabela 1.1)
ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2006/Tabelas/aspectos_demograficos.zip

xii Beatriz Kauffmann – Panela Velha (melodia no formato MIDI)
<http://www.beakauffmann.com/panela-velha.html>

Cifras Art (para violão e guitarra) – Sérgio Reis – Panela Velha
http://sergio-reis.cifras.art.br/cifra_4672.html

xiii U.S. Census Bureau – Population pyramid for China 2007
<http://www.census.gov/cgi-bin/ipc/idbpyry.pl?cty=CH&maxp=67043344&maxa=100&ymin=300&yr=2007&.submit=Submit+Query>

IBGE – População – Projeção da População – Revisão de 2004
ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Revisao_2004_Projecoes_1980_2050/

xiv Rede Record – Domingo Espetacular – Faltam mulheres na China
http://www.rederecord.com.br/programas/domingoespetacular/conteudo_ver.asp?c=91

NET Almanaque – Falta de mulheres na China
http://www.pybpr.com/almanaque/almanaque.asp?u_action=display&u_log=229

xv Revista Veja – 10/jun/1998 – Prazer estirpado
http://veja.abril.com.br/100698/p_072.html

Rádio Vaticano – 09/mar/2004 – Mulheres se insurgem contra a mutilação sexual e promovem campanhas de conscientização
http://www.vaticanradio.org/portuguese/brasarchi/2004/RV11_2004/04_11_13.htm

^{xvi} BrOffice.org (incluindo o editor de textos Writer)
<http://www.broffice.org/>

^{xvii} *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra – Editora Nova Fronteira – 3ª Edição – 2001 – pág. 665

^{xviii} Wikipédia – Português – Português Europeu
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Portugu%C3%AAs_europeu&oldid=8220745

Wikipédia – Português – Português de Angola – Ortografia
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Portugu%C3%AAs_de_Angola&oldid=7679915#Ortografia

^{xix} Wikipedia – English – Slash (punctuation)
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Slash_%28punctuation%29&oldid=111599259

Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola – Vicente Masip – E.P.U – 2003 – seção 17.1.13

^{xx} Wikipedia – English – Old English
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Old_English&oldid=113365162

Wikipedia – English – Beowulf
<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beowulf&oldid=175714797>

Abaixo, as referências para as três versões cinematográficas do poema contidas tanto na Wikipédia em inglês quanto no Internet Movie Database (também em inglês), ordenadas do filme mais recente para o mais antigo:

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beowulf_%282007_film%29&oldid=175760365
<http://www.imdb.com/title/tt0442933/>

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beowulf_%26_Grendel&oldid=175702885
<http://www.imdb.com/title/tt0402057/>

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beowulf_%281999_film%29&oldid=174817413
<http://www.imdb.com/title/tt0120604/>

^{xxi} BBN Technologies – Ray Tomlinson – The First Email
<http://openmap.bbn.com/~tomlinso/ray/firstemailframe.html>

^{xxii} Scott Herron – A Natural History of the @ Sign
<http://www.herodios.com/at-sign.htm>

The Linguist list – The @ Symbol
<http://www.linguistlist.org/issues/7/7-968.html>

^{xxiii} Wikipedia – English – Æon Flux
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%86on_Flux&oldid=173920376

^{xxiv} Wikipedia – English – James Cook
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=James_Cook&oldid=176058512

^{xxv} Wikipedia – Español – Éter (física)
http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%89ter_%28f%C3%ADsica%29&oldid=12421601

Wikipedia – English – Luminous Aether
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Luminiferous_aether&oldid=174341805

^{xxvi} Wikipedia – English – Ærø
<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%86r%C3%B8&oldid=171404112>

Wikipedia – Deutsch – Ærø
<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%86r%C3%B8&oldid=35201288>

^{xxvii} Wikipédia – Português – Aesir

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aesir&oldid=8299237>

^{xxviii} Ilustração provinda de
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Map-Lusophone_World-en.png

^{xxix} Wikipédia – Português – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunidade_dos_Pa%C3%ADses_de_L%C3%ADngua_Portuguesa&oldid=8303275

^{xxx} CPLP – Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990)
<http://www.cplp.org/docs/documentacao/Acordo%20ortogr%C3%A1fico%20retirado%20internet.pdf>

Wikipédia – Português – Acordo Ortográfico de 1990
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Acordo_Ortogr%C3%A1fico_de_1990&oldid=8444219

^{xxxi} Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
<http://ciberduvidas.sapo.pt/>